

A contribuição das *loanwords* para a composição lexical do inglês moderno contemporâneo: uma abordagem diacrônica

Vitor Hugo Sousa Oliveira*

Resumo: As interações estabelecidas entre os falantes de línguas distintas resultam no compartilhamento de características linguísticas entre essas línguas. Nessa perspectiva, durante a sua evolução, a Língua Inglesa assimilou diversos vocábulos oriundos de línguas estrangeiras – denominados *loanwords* ou empréstimo lexical, em português – para compor seu sistema lexical. Diante disso, este artigo visa responder à seguinte indagação: quais são as contribuições linguísticas dos empréstimos lexicais para o inglês moderno contemporâneo? Para responder a esta questão, estabeleceu-se o seguinte objetivo geral: analisar as influências linguísticas do celta, latim, escandinavo e francês no que diz respeito aos empréstimos lexicais para o inglês moderno contemporâneo. A fim de alcançar o objetivo supracitado, foram elencados os seguintes objetivos específicos: (i) delinear o desenvolvimento da Língua Inglesa sob uma perspectiva diacrônica no inglês antigo e médio; (ii) conceituar os empréstimos lexicais; e (iii) apresentar exemplos de empréstimos assimilados pelo inglês moderno contemporâneo durante o desenvolvimento da língua. Para alcançar esses objetivos, foi realizada uma pesquisa de cunho bibliográfico com abordagem qualitativa, fundamentada em pesquisadores, como Baugh e Cable (2002), Durkin (2014), Godinho (2011), entre outros. Os achados do estudo revelam que os empréstimos lexicais foram – e continuam sendo – essenciais na composição lexical do inglês, pois compõem seu vocabulário relacionado ao aprendizado, à vida social, ao vestuário, à alimentação, entre outros grupos de palavras.

Palavras-chave: Língua Inglesa; Inglês moderno contemporâneo; *Loanwords*; Empréstimo lexical; Diacronia.

Abstract: The interaction established between speakers of different languages result in the sharing of linguistic characteristics between these languages. In this perspective, throughout its evolution, the English language has assimilated several words from foreign languages – called loanwords – to compose its lexicon. Based on this premise, this article aims to respond the following question: what are the linguistic contributions of lexical borrowings to Later Modern English? In order to respond this question, the general objective was established: to analyze the linguistic influences of Celtic, Latin, Scandinavian and French regarding to lexical borrowing for Later Modern English. To reach this objective, the specific ones were set: (i) to approach development of the English language from a diachronic perspective in Old English and Middle English; (ii) to conceptualize lexical borrowings; and (iii) to present examples of loanwords assimilated by Later Modern English during language development. This is a bibliographic research with a qualitative approach based on researchers such as Baugh and Cable (2002), Durkin (2014), Godinho (2011), among others. The study's findings reveal that loanwords were – and continue to be – essential in the lexical composition of English because they make up its vocabulary related to learning, social life, clothing, food, among other groups of words.

Keywords: English language; Later Modern English; Loanwords; Borrowing; Diachrony.

*Graduando de Licenciatura em Letras Inglês na Universidade Estadual do Piauí (UESPI), *campus* Prof. Alexandre Alves de Oliveira (Parnaíba). Artigo apresentado e oriundo da disciplina Evolução Histórica da Língua Inglesa, sob orientação da Profa. Dra. Renata Cristina da Cunha. E-mail: hugov.sousa@hotmail.com.

1. Introdução

É fato que nenhuma língua evolui do dia para a noite, pois há processos históricos gradativos que fazem com que um idioma se desenvolva com o intuito de atender às inquietações, aos anseios e às necessidades de seus falantes. Assim, são as necessidades dos falantes de uma língua que fazem com que ela se desenvolva, sobretudo em virtude das relações interpessoais.

Desse modo, Carolina Moreira, Maristella Gomes e Renato Resgala (2015, p. 158) afirmam que “a língua é um constructo histórico-social, que se estrutura a partir das interações humanas”. Essas interações entre povos distintos e, conseqüentemente, com outras línguas permitem que um idioma assimile características linguísticas de outro. Diante disso, ao longo de sua evolução, a Língua Inglesa assimilou diversos vocábulos de línguas estrangeiras que fizeram com que ela se desenvolvesse, especialmente no que tange à sua composição lexical.¹

Segundo Jean-Marie Le Breton (2005, p. 13), “o inglês é uma língua compósita, que reúne contribuições celtas, latinas, francesas, germânicas, para falar exclusivamente das principais”. Essas contribuições estrangeiras – palavras e expressões – que foram absorvidas pela Língua Inglesa e que, hoje, a compõem recebem, em inglês, a denominação de *loanwords*. Em português, esses vocábulos são chamados de “empréstimos lexicais” e essa é a nomenclatura que se utiliza no decorrer do trabalho, a fim de facilitar a compreensão do(a) leitor(a).

Nesse sentido, este artigo visa responder à seguinte questão: quais são as contribuições linguísticas dos empréstimos lexicais para o inglês moderno contemporâneo? Para responder a esta indagação, se traça o seguinte objetivo geral: analisar as influências linguísticas do celta, latim, escandinavo e francês² no que diz respeito aos empréstimos lexicais para o inglês moderno contemporâneo. A fim de alcançar o objetivo supracitado, foram elencados os seguintes objetivos específicos: (i) delinear o desenvolvimento da Língua Inglesa sob uma perspectiva diacrônica no inglês antigo e médio; (ii) conceituar os empréstimos lexicais; e (iii) apresentar exemplos de empréstimos assimilados pelo inglês moderno contemporâneo durante o desenvolvimento da língua. Para alcançar esses objetivos, foi realizada uma pesquisa de cunho bibliográfico com abordagem qualitativa fundamentada em pesquisadores, como Albert Baugh e Thomas Cable (2002), Philip Durkin (2014), John Godinho (2011), entre outros.

¹ Segundo Durkin (2019), o léxico diz respeito aos vocábulos de uma língua. Assim, neste artigo, a expressão “composição lexical” é utilizada para referir-se ao conjunto de palavras que constitui a Língua Inglesa.

² Embora o inglês tenha recebido influências de outras línguas, os pesquisadores deste artigo optaram por abordar apenas as contribuições celtas, latinas, escandinavas e francesas.

Isso posto, vale ressaltar que essa pesquisa foi realizada como trabalho de conclusão da disciplina Evolução Histórica da Língua Inglesa – do curso de Licenciatura Plena em Letras-Inglês, da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), *campus* Parnaíba, cuja ementa trata dos períodos de desenvolvimento dessa língua de origem germânica, bem como da influência e das contribuições de diversos povos na ocasião de seu surgimento e durante a sua evolução.

No que diz respeito à estrutura, o artigo está organizado em seis seções: na primeira, a contextualização e objetivos do estudo são apresentados; já na segunda, debruça-se sobre as especificidades dos empréstimos lexicais. Em seguida, realiza-se uma revisitação às origens da Língua Inglesa, mais especificamente à influência dos povos celtas. Na quarta seção, o inglês antigo é introduzido, considerando a influência do latim, a invasão *viking*, as contribuições escandinavas e normandas. A quinta, por sua vez, tem por objetivo discorrer sobre o inglês médio, com ênfase na herança francesa. Por fim, são delineadas as considerações finais na última seção.

2. Empréstimos lexicais: noções preliminares

De acordo com Durkin (2014, p. 3, tradução nossa), “na Linguística, o termo ‘empréstimo’ descreve um processo pelo qual uma língua replica, total ou parcialmente, um traço linguístico de outra língua”.³ Em outras palavras, o empréstimo linguístico – termo utilizado desde o século dezenove – ocorre quando uma língua, chamada de *borrowing language* por Durkin (2014), assimila material linguístico do que ele nomeia de *donor language*, isto é, a língua que empresta alguma característica linguística para outra.

O pesquisador supracitado acrescenta que os empréstimos lexicais do inglês podem englobar diversas categorias de palavras e expressões emprestadas que foram adotadas por essa língua de origem germânica. No que concerne à tipologia, Durkin (2009, 2014) ressalta que os empréstimos lexicais podem ser categorizados como *loan translations*, *semantic loans*, *loan blends* e *loanwords*. Em virtude da proposta investigativa previamente apresentada, o *corpus* deste artigo são as *loanwords*.

É interessante trazer à luz que “empréstimo lexical” refere-se ao empréstimo da grafia e do significado (ou parte dele) de um vocábulo de origem estrangeira. Em adição, há certo grau de modificação sonora da palavra estrangeira quando ela é assimilada pelo inglês. Por exemplo, o substantivo “*phase* /*feiz*/ (ou quando foi assimilado no final do século XVII /*fe:z*/ ou /*ƒe:z*/) < Francês *phase* /*faz*/” (DURKIN, 2009, p. 134, tradução nossa).⁴ Em

³ “In linguistics, the term ‘borrowing’ describes a process in which one language replicates a linguistic feature from another language, either wholly or partly” (DURKIN, 2014, p. 3).

⁴ “*phase* /*feiz*/ (or when borrowed in the late seventeenth century /*fe:z*/ or /*ƒe:z*/) < French *phase* /*faz*/” (DURKIN, 2009, p. 134).

suma, um vocábulo geralmente adapta-se às regras fonológicas da *borrowing language* (inglês) quando passa a compor seu sistema lexical.

Embora seja árduo contabilizar com exatidão a quantidade lexical proveniente de outras línguas devido à dinamicidade da língua, Godinho (2011) afirma que cerca de 80% do vocabulário que hoje compõe o inglês provém de palavras e expressões vindas de outros idiomas, como o celta, o latim, o escandinavo, o francês, entre outros. Esse vocabulário, nessa esteira, é transmitido de uma língua para outra como produto da interação social direta e indireta entre diferentes povos, como aponta Durkin (2014). Sobre isso, vale salientar que a pesquisa empreendida não visa a quantificar esses vocábulos estrangeiros presentes no inglês moderno contemporâneo, mas, sim, a reforçar que as influências estrangeiras foram deveras importantes para o desenvolvimento e evolução da Língua Inglesa.

A título de ilustração, são listados, a seguir, vocábulos de origem latina destacados no poema “*accent*”, de Rupī Kaur (2017, p. 139, grifo nosso) – poeta feminista contemporânea –, encontrado em sua obra *The sun and her flowers*:

*my voice is the offspring
of two countries colliding
what is there to be ashamed of
if english and my mother tongue
made love
my voice is her father's words
and my mother's accent
what is the matter if
my mouth carries two worlds
- *accent* (KAUR, 2017, p. 139, grifo nosso).⁵*

De acordo com Douglas Harper (2001), os termos destacados – *voice* (Francês Antigo *voiz* < Latim *vocem*), *country* (Francês Antigo *contree* < Latim Vulgar *contrata*), *collide* (Latim *collidere*), *accent* (Francês Antigo *acent* < Latim *accentus*), *matter* (Anglo-francês *matere* < Francês Antigo *matere* < Latim *materia*) e *carry* (Anglo-francês *carier* ou Francês Antigo *carrier* < Galo-romano *carrizare* < Latim *carricare*, *carrum* < Gaulês *karros*) – são provenientes do latim. Pode-se afirmar que, embora esses vocábulos sejam amplamente utilizados no inglês moderno contemporâneo, tais palavras não são nativas da Língua Inglesa, pois o inglês possui, em sua composição lexical, vocábulos advindos de outras línguas como o latim, a exemplo do que se ilustrou no poema de Kaur (2017).

⁵ “Minha voz é fruto da união de duas nações. Por que eu teria vergonha se o inglês e minha língua-mãe fizeram amor? Minha voz tem as palavras do meu pai e o sotaque da minha mãe. Qual é o problema se minha boca leva dois mundos? - sotaque” (KAUR, 2017, p. 139, tradução nossa).

É interessante observar a origem do vocabulário que constitui o inglês para conhecer e refletir acerca da composição lexical do idioma. No entanto, antes, destaca-se que há pessoas que assumiram ou assumem uma postura purista em relação à língua. Sobre isso, James Milroy (2005, p. 325, tradução nossa) declara que há pessoas que acreditam que “a língua em uso também pode se tornar contaminada ou impura, e assim como as substâncias físicas podem ser limpas ou purificadas, a língua em uso pode ser limpa ou purificada”.⁶ As impurezas defendidas pelos puristas são os empréstimos linguísticos tomados pelo inglês.

Nessa direção, no século dezesseis, Sir John Cheke era contra empréstimos lexicais de outras línguas. Ele traduziu o Novo Testamento substituindo empréstimos vindos do latim e do grego por termos nativos do inglês (DURKIN, 2014). Ainda nesse século, o padre Ralph Lever, purista mais radical de seu tempo, também substituiu vocábulos latinos por termos nativos compostos em seus escritos (GEERS, 2005). William Barnes, purista inglês mais conservador do século dezenove, tentou “purificar o inglês substituindo empréstimos franceses e de línguas clássicas [grego e latim] por palavras germânicas” (MILROY, 2005, p. 327, tradução nossa).⁷

Além disso, conforme explicita Milroy (2005), há pesquisadores como Sarah Thomason e Terrence Kaufman (1988) que acreditam que o inglês não é uma língua mista. Essa ideia de pureza, ainda que implicitamente, expressa uma certa desconsideração para com os empréstimos linguísticos. Isso posto, é fundamental registrar que, ao contrário das ideias supracitadas, esta pesquisa compreende a importância e reconhece o impacto lexical de línguas estrangeiras, tais como o celta, o escandinavo, o latim e o francês, na Língua Inglesa, confirmado pela extensa variedade lexical agregada ao inglês.

Godinho (2011, p. 41) ressalta que “às vezes, as novas palavras tomavam o lugar de outras em inglês antigo, mas com frequência eram simplesmente assimiladas e todas conviviam lado a lado, o que explica a riqueza de sinônimos na Língua Inglesa”. Logo, uma característica favorável para que o inglês possua um amplo repertório linguístico é o fato de que essa língua geralmente não substituíra um termo nativo por outra palavra e/ou expressão estrangeira. Em outras palavras, a Língua Inglesa geralmente assimilava o vocábulo vindo do francês, mas não deixava de utilizar o sinônimo que já existia em seu idioma original.

3. As origens da Língua Inglesa: uma abordagem diacrônica

A Língua Inglesa surgiu por volta de 55 a.C. quando o imperador romano Júlio César e suas duas legiões chegaram às Ilhas Britânicas, território também chamado de Bretanha

⁶ “[...] language in use can also become contaminated or impure, and just as physical substances can be cleansed or purified, so language in use can be cleansed or purified” (MILROY, 2005, p. 325).

⁷ “to purify it [English] by replacing French and Classical borrowings with Germanic words” (MILROY, 2005, p. 327).

e, posteriormente, Inglaterra. Em 410 d.C., os godos invadiram Roma, o que resultou na saída dos romanos das Ilhas Britânicas, os quais retornaram à sua terra natal a fim de protegê-la desses saqueadores. No ano de 436 d.C., os antigos moradores da ilha – os celtas – ficaram expostos quando os últimos romanos deixaram a ilha. A ocupação romana perdurou por quatro séculos e, durante esse período, os celtas desabitaram-se de suas práticas guerreiras, tornando-se vulneráveis após a retirada dos exércitos romanos (GODINHO, 2011).

3.1 Contribuições celtas para o léxico inglês

Os povos celtas viviam nas Ilhas Britânicas antes mesmo da invasão dos romanos e, posteriormente, dos povos germânicos. Somado a isso, dominavam diversos territórios europeus – como Gália, Espanha e norte da Itália. Assim, difundiram sua cultura, língua e modo de vida entre os povos que conquistaram. Todavia, o domínio celta decaiu à medida que esses povos foram dominados pelos romanos. Devido às suas perdas territoriais, as tradições e os idiomas celtas foram, gradativamente, desaparecendo a ponto de sobreviverem atualmente apenas na Irlanda, na Alta Escócia, no País de Gales e na Bretanha, no litoral da França (GODINHO, 2011).

O contato dos povos celtas com os anglo-saxões resultou na assimilação de vocábulos de origem celta por parte do inglês, em pouca quantidade. A respeito da inexpressiva quantidade de léxico adquirido, duas teorias são listadas: (i) a cultura e língua celtas foram quase extintas devido à conquista desses povos celtas pelos anglo-saxões; e (ii) os celtas “não utilizavam a arte da escrita em grande escala [...]. Eles optaram por registrar seu passado oralmente e se comunicavam de boca em boca com as outras nações” (CHADWICK, 1997, p. 47, tradução nossa).⁸ Dessa maneira, sua cultura e língua foram se perdendo no decorrer do tempo, visto que não possuíam o costume de registrar sua vida por meio da escrita.

É válido salientar que, embora sua influência não seja tão marcante no léxico do inglês moderno contemporâneo, foram os povos de origem celta – irlandeses, escoceses e galeses – que difundiram o inglês pelo mundo. Esta língua absorveu nomes próprios, sobrenomes, nomes de cidades e rios e substantivos comuns dos povos celtas. De acordo com Jan Niehues (2006), nomes próprios que possuem raízes celtas, como *Arthur, Alan, Brian, Bruce, Conan, Kevin, Nora* e *Oscar*, foram incorporados na Língua Inglesa. No que concerne aos nomes de lugares, David Crystal (2019) menciona nomes de rios como *Thames, Avon, Don, Exe, Usk* e *Wye*, além de nomes de cidades, tais como *Dover, Eccles, Bray, London* e *Kent*.

⁸ “[...] did not use the art of writing to any great extent [...]. They chose to record their past orally and communicated with other nations by word of mouth” (CHADWICK, 1997, p. 47).

Grande parte dos empréstimos celtas presentes no inglês é associada à sua terra natal, ou seja, dizia respeito à vida rural desses povos, como, por exemplo, *cumb* ‘deep valley’ (vale profundo), *binn* ‘bin’ (caixa), *carr* ‘rock’ (rocha), *brock* ‘badger’ (texugo), *torr* ‘peak’ (pico), *gafeluc* ‘small spear’ (lança pequena), *bratt* ‘cloak’ (manto), *luh* ‘lake’ (lago), *dry* ‘sorcerer’ (feiticeiro) e *clucge* ‘bell’ (sino). Adicionalmente, vocábulos latinos, trazidos por missionários irlandeses, influenciaram o celta que, por sua vez, forneceu ao inglês palavras como *assen* ‘ass’ (asno), *ancor* ‘hermit’ (eremita) e *stær* ‘history’ (história) (CRYSTAL, 2019).

Como mencionado anteriormente, os celtas viveram nas Ilhas Britânicas, especialmente antes da invasão dos povos germânicos no século V. Logo, os celtas são conhecidos como os primeiros habitantes da ilha e esse período ficou conhecido como as origens da Língua Inglesa. Com a chegada das tribos germânicas na ilha, mais especificamente dos anglo-saxões, por volta do século V, nasce o *Old English*.

Em uma perspectiva diacrônica, Durkin (2014) divide a evolução e desenvolvimento da Língua Inglesa em quatro períodos principais:⁹ *Old English*, *Middle English*, *Early Modern English* e *Later Modern English*. Godinho (2011), por sua vez, divide a língua em três períodos principais: inglês antigo (449 d.C. até 1066/1100), inglês médio (1066/1100 até 1450/1500) e inglês moderno. Este último, por sua vez, está dividido em inglês moderno clássico (1450 até 1660) e inglês moderno contemporâneo (1660 até os dias atuais).¹⁰

Destarte, nas seções posteriores, são discutidas a influência e o impacto dos empréstimos sobre o léxico do inglês moderno contemporâneo, recorrendo ao inglês antigo e médio como referências, a fim de melhor compreender o contexto de como e quando tais vocábulos foram incorporados ao inglês hodierno.

4. O inglês antigo e as primeiras invasões

A retirada das tropas romanas das Ilhas Britânicas deixou os celtas suscetíveis a ataques de outros povos. E foi exatamente isso que ocorreu: aquele território foi invadido por povos germânicos – anglos, saxões, jutos e frisões –, evento que marcou o nascimento do inglês. O inglês antigo (*Old English*), também chamado de “anglo-saxão”, foi trazido pelas primeiras invasões dos povos germânicos, provenientes da Dinamarca e norte da Alemanha, em 449 d.C. Eles invadiram e ocuparam diferentes partes da Bretanha. Uma

⁹ Esta pesquisa visa explicar o desenvolvimento da Língua Inglesa em seus estágios de evolução conhecidos como inglês antigo e médio, pois a língua recebeu influências estrangeiras em maior escala nesses períodos. Nesse sentido, optou-se por não abordar os empréstimos lexicais no inglês moderno porque, na contemporaneidade, a língua assimila palavras estrangeiras em menor escala e passa a emprestar seus vocábulos para outros idiomas devido à sua influência global (DURKIN, 2014).

¹⁰ Cabe destacar que a nomenclatura dos estágios de desenvolvimento da língua e a delimitação desses períodos pode variar de acordo com o/a teórico/a analisado/a. Assim, esta pesquisa é baseada nos períodos segundo as nomenclaturas utilizadas por Godinho (2011).

dessas tribos foi nomeada pelos romanos de “*Angli*” e “*Angliā*”, que logo ficaram conhecidos como “*anglos*” e, no decorrer do tempo, essa mistura de povos e línguas originou o *Englisc* (*Old English*). Em aproximadamente 1000 d.C., a Bretanha ficou conhecida como *Englaland*, isto é, a terra dos anglos (BAUGH; CABLE, 2002; GODINHO, 2011).

4.1 O legado linguístico do latim para o léxico inglês

O latim reafirmou sua presença na Inglaterra graças aos normandos no século XI, pois esse idioma já era utilizado pela igreja antes mesmo da chegada dos anglo-saxões. Embora não tenha deixado grandes vestígios na Bretanha no contexto da ocupação romana, a língua do Lácio iniciou sua trajetória na ilha devido à forte influência da igreja católica naquele período. Para Godinho (2011), o latim foi uma das línguas que mais influenciaram o inglês, além de ter tido um papel crucial para evolução, desenvolvimento e prestígio da língua.

A Língua Latina falada pelas legiões romanas, pelos comerciantes e pelo povo de forma geral, ou seja, uma variante mais rústica da língua, chamava-se latim vulgar. A variante falada pela igreja e pelos escritores era conhecida como latim cristão, responsável pelo rebuscamento do inglês. Ou seja, o latim cristão influenciou a Língua Inglesa em maior escala, visto que a língua anglo-saxã ainda não possuía termos mais sofisticados. Em suma, “o cristianismo enriqueceu muito a linguagem através da igreja” (SILVA; LIMA, 2011, p. 163).

O grande responsável pela alfabetização e conversão dos anglo-saxões ao cristianismo foi Santo Agostinho de Canterbury. Outra personalidade importante para o encontro linguístico entre o latim e o inglês foi o monge Beda, responsável pelos registros históricos e linguísticos na ilha. Em vista disso, grande parte do que se conhece hoje a respeito da história do inglês, antes do século VIII, deve-se à *História eclesiástica do povo inglês*, obra escrita por Beda, que descreve o período da ocupação romana até o ano 731 d.C. (GODINHO, 2011). A Língua Latina, portanto, foi assimilada pelo inglês antigo graças aos monges e, sem dúvidas, as palavras trazidas para somar com o léxico nativo foram de suma importância para o prestígio e para o rebuscamento vocabular inglês. Assim, uma gama de vocábulos latinos, especialmente relacionados aos âmbitos religioso e educacional, foi assimilada pelo *Old English* (OE) e é utilizada até hoje, como o Quadro 1 apresenta:

Quadro 1 - Palavras latinas de cunho religioso assimiladas pelo inglês antigo.

LATIM	INGLÊS ANTIGO	INGLÊS MODERNO CONTEMPORÂNEO
<i>Angelus</i>	<i>engel</i>	<i>angel</i> (anjo)
<i>Apostolus</i>	<i>Apostol</i>	<i>apostle</i> (apóstolo)
<i>Candela</i>	<i>candel</i>	<i>candle</i> (vela)
<i>cálix</i>	<i>Celic</i>	<i>chalice</i> (cálice)
<i>Credo</i>	<i>Creda</i>	<i>creed</i> (crença)
<i>Discipulus</i>	<i>discipul</i>	<i>disciple</i> (discípulo)
<i>Monasterium</i>	<i>Mynster</i>	<i>minster</i> (catedral)
<i>Papa</i>	<i>Papa</i>	<i>pope</i> (papa)
<i>Presbyter</i>	<i>Preost</i>	<i>priest</i> (padre)
<i>Psalmus</i>	<i>Psealm</i>	<i>psalm</i> (salmo)
<i>Scrinium</i>	<i>Scrin</i>	<i>shrine</i> (santuário)
<i>Templum</i>	<i>Templ</i>	<i>temple</i> (templo)

Fonte: Elaborado com base em Leila Abu (2012).

Albert Baugh e Thomas Cable (2002) acrescentam que o inglês antigo também “pegou emprestado” palavras de origem latina relacionadas à educação e ao ensino que refletem a influência da igreja sobre os anglo-saxões, como, por exemplo, *master* (mestre, professor) < OE *mægester* < L. *magister*; *school* (escola) < OE *scol* < L. *schola*; *title* (título) < OE *titul* < L. *titulus*; e *verse* (versículo, verso) < OE *fers* < L. *versus*.

Em adição, “a Igreja também exerceu profunda influência na vida doméstica das pessoas” (BAUGH; CABLE, 2002, p. 78, tradução nossa).¹¹ Nessa lógica, há vocábulos latinos no léxico inglês associados ao vestuário e ao uso doméstico, como *cap* (touca) < OE *cæppe* < L. *cappa*; *cowl* (capuz) < OE *cugele* < L. *cuculla*; *myrrh* (mirra) < OE *myrra* < L. *murra*; e *sack* (saco) < OE *sacc* < L. *saccus* (FREEBORN, 1998).

A língua do Lácio também influenciou vocábulos associados a árvores, a plantas e a ervas, tais como *beet* (beterraba) < OE *bete* < L. *beta*; *fennel* (erva-doce) < OE *finugl* < L.

¹¹ “the church also exercised a profound influence on the domestic life of the people” (BAUGH; CABLE, 2002, p. 78).

finuclum; *ginger* (gengibre) < OE *gingiber* < L. *gingiber*; *lily* (lírio) < OE *lilie* < L. *lilium*; *palm* (palmeira) < OE *palma* < L. *palma*; *plant* (planta) < OE *plante* < L. *planta*; e *radish* (rabanete) < OE *rædic* < L. *radicem* (FREEBORN, 1998).

Ademais, o inglês utilizava verbos de raízes latinas, presentes na língua germânica até os dias atuais, a citar: *to spend* (gastar) < OE *āspendan* < L. *expendere*; *to exchange* (trocar) < OE *bemūtian* < L. *mūtāre*; *to torture* (torturar) < OE *pīnian* < L. *poena*; *to weigh* (pesar) < OE *pinsian* < L. *pēnsāre*; *to dance* (dançar) < OE *sealtian* < L. *saltāre*; e *to temper* (temperar) < OE *temprian* < L. *temperāre* (BAUGH; CABLE, 2002).

Ainda sobre palavras e expressões de cunho religioso, vocábulos existentes na Língua Inglesa adquiriram significados mais acentuados devido à influência do cristianismo sobre esse léxico. Sobre isso, Godinho (2011, p. 38, grifo do autor) acentua que:

As palavras *God* (Deus), *heaven* (céu, paraíso), *hell* (inferno) já eram velhas conhecidas, mas que, expostas ao cristianismo, assumiram significados mais profundos. O *spiritus sanctus* (Espírito Santo) em latim, foi traduzido como *Halig Gast* que, com o tempo, virou *Holy Ghost* (GODINHO, 2011, p. 38, grifo do autor).

Desse modo, observa-se uma característica inegável do inglês que foi responsável pela sua riqueza vocabular: seu ecletismo. Se, por um lado, o inglês antigo possuía um vocabulário menos sofisticado, por outro, também adquiriu um caráter mais rebuscado a partir do momento em que tomou para si palavras, expressões e conceitos do latim.

4.2 A invasão *viking*

O final do século treze marca a segunda grande influência para evolução da Língua Inglesa: a chegada de guerreiros do mar advindos do Norte – os *vikings*, termo “guarda-chuva” que engloba os povos dinamarqueses, suecos e noruegueses. Em 793 d.C., foi registrado o primeiro ataque norueguês ao mosteiro da Ilha Santa de Lindisfarne.

No ano seguinte, outro ataque ocorreu no mosteiro de Jarrow, onde Beda, o Venerável, escreveu a obra anteriormente mencionada. De acordo com Baugh e Cable (2002, p. 84, tradução nossa),¹² esses ataques aos mosteiros ocorriam devido à presença de “vasos sagrados de ouro e prata, santuários com joias, mantos caros e objetos de valor de todos os tipos [...]”, itens deveras valorizados pelos *vikings*. Além disso, os escandinavos costumavam atacar de surpresa outros povos, o que resultava em pilhagem e conquista de territórios.

¹² “*sacred vessels of gold and silver, jeweled shrines, costly robes, and valuables of all kinds [...]*” (BAUGH; CABLE, 2002, p. 84).

A língua falada pelos *vikings* era o nórdico antigo (*Old Norse*) que, por sua vez, era uma língua de origem germânica, assim como o inglês. Devido às suas raízes linguísticas serem do mesmo grupo germânico, se constitui como uma tarefa árdua mapear se determinada palavra presente no inglês moderno contemporâneo é nativa ou estrangeira.

Em 873 d.C., os dinamarqueses atacaram o sul da ilha, o reino de Wessex, mas foram surpreendidos com a resistência de Alfred, rei saxão. Com receio de próximos ataques, Alfred dividiu a Inglaterra em duas: reino de Wessex (ao sul) e Danelaw (ao norte), governada pelos dinamarqueses a fim de não ameaçarem mais o reino anglo-saxão. Na prática, o objetivo do tratado de Wedmore não se consolidou, visto que, anos mais tarde, os dinamarqueses tentaram conquistar o mesmo território novamente, mas foram derrotados pelo rei saxão. Alfred, o Grande, tinha ciência de que precisava do apoio dos demais reinos da Inglaterra para proteger esse território de eventuais invasões e, neste cenário, a Língua Inglesa estabeleceu conexões entre esses reinos (GODINHO, 2011).

No pós-reinado de Alfred, os anglo-saxões e dinamarqueses passaram a coexistir, mais ou menos, em paz. Assim, “a união entre os dois povos foi deveras facilitada pelo parentesco próximo que existia entre eles” (BAUGH; CABLE, 2002, p. 86, tradução nossa).¹³ Nessa perspectiva, em razão da fusão linguística entre os povos anglo-saxão e escandinavo, o nórdico antigo influenciou intensamente o inglês, especialmente quando se trata do léxico.

Com a adesão de vocábulos escandinavos, o inglês antigo, cada vez mais, trazia termos emprestados para serem adicionados ao seu léxico. Conforme já exposto, Godinho (2011) argumenta que os empréstimos que já possuíam sinônimo no inglês coexistiam com a palavra escandinava. Dessa maneira, os falantes de inglês antigo tinham – e continuam tendo com o inglês hodierno – a possibilidade de utilizar o verbo *wish* (desejar, querer) ou o sinônimo *want* (querer), de origem escandinava. Portanto, essa característica foi extremamente significativa para a variedade da composição lexical inglesa.

4.3 A influência escandinava sobre o léxico inglês

Com base nos escritos de Baugh e Cable (2002), há cerca de 400 palavras no léxico do inglês moderno contemporâneo que são escandinavas, presentes, sobretudo, no vocabulário do inglês relacionado à mitologia nórdica, à fauna, à flora e aos nomes próprios de pessoas e lugares, bem como a termos com conotações negativas. Uma das principais e mais conhecidas influências escandinavas para o inglês hodierno diz respeito aos dias da semana, associados aos deuses nórdicos, como ilustra o Quadro 2:

¹³ “[...] the amalgamation of the two peoples was greatly facilitated by the close kinship that existed between them” (BAUGH; CABLE, 2002, p. 86).

Quadro 2 - Dias da semana em inglês que possuem origem escandinava.

DIA DA SEMANA	INGLÊS ANTIGO	NÓRDICO ANTIGO (ON)	SIGNIFICADO
<i>Tuesday</i> (terça-feira)	<i>Tiwesdæg</i>	<i>Týsdagr</i>	“o dia de Týr”; “Tyr” era filho de Odin e deus da guerra
<i>Wednesday</i> (quarta-feira)	<i>Wodensdæg</i>	<i>Óðinsdagr</i>	“o dia de Óðinn”; “Odin” era o maior de todos os deuses e governante de Asgard
<i>Thursday</i> (quinta-feira)	<i>Þurresdæg</i>	<i>Þórsdagr</i>	“o dia de Þórr”; “Thor” era filho de Odin, o mais forte dos deuses
<i>Friday</i> (sexta-feira)	<i>Frigedæg</i>	<i>Friggjardagr, freyjudagr ou frjádagr</i>	“o dia de Frigg”; “Frigg” era esposa de Odin e rainha de Asgard

Fonte: Elaborado com base em Sandra Friðriksdóttir (2014) e Douglas Harper (2001).

Como é possível visualizar no Quadro 2, os dias da semana em inglês *Tuesday*, *Wednesday*, *Thursday* e *Friday* possuem origem escandinava e estão relacionados às crenças em deuses nórdicos. Friðriksdóttir (2014) pontua que não há um consenso sobre a origem de *Friday*, então é possível que a grafia seja *friggjardagr*, *freyjudagr* ou *frjádagr*, uma homenagem à *Frigg*, rainha de Asgard.

Vocábulos relacionados aos deuses nórdicos também são encontrados nas histórias em quadrinhos, séries e filmes produzidos pela *Marvel Comics* e *Marvel Studios*. As histórias que giram em torno de Thor, o deus nórdico do trovão, trazem amplo vocabulário relacionado aos deuses nórdicos, tais como o martelo de Thor ‘*Mjólnir*’ ON *Mjölñir*; seu pai ‘*Odin*’ ON *Óðinn*; seu meio-irmão ‘*Loki*’ ON *Loki*; a guerreira ‘*Valkyrie*’ ON *Valkyrja*; a deusa ‘*Helá*’ ON *Hel*; a rainha de Asgard ‘*Friggá*’ ON *Frigg*; o evento apocalíptico ‘*Ragnarok*’ ON *Ragnarök*; entre outros termos (FRÍÐRIKSDÓTTIR, 2014).

No que diz respeito à fauna, os nomes de pássaros presentes no inglês hodierno possuem origem escandinava porque esses seres eram importantes para os nórdicos. São exemplos disso: ‘*hawk*’ (falcão) ON *haukr*; ‘*sparrow*’ (pardal) ON *spörr*; e ‘*raven*’ (corvo) ON *hrafñ*. O nórdico antigo também influenciou o inglês em termos relacionados à flora e à geografia, a saber: *swamp* (pântano) ON ‘*svöppr*’; *sky* (céu) ON ‘*sky*’ e *fog* (névoa) ‘*fok*’. Além disso, corroborou para substantivos próprios, como *fell*, ON *fjall* ‘*mountain*’ em Cam

Fell, ON *Kambafjall*; *geyser*, ON *geyser* ‘hot spring’ como em *Excelsior Geyser*; *reef* ON *rif* ‘ridge under the sea’ em *Great Barrier Reef* (FRÍÐRIKSDÓTTIR, 2014).

Johnni Langer (2002, p. 88) ressalta que “os Vikings matavam muitas pessoas e pilhavam diversas localidades europeias” e sugere que, provavelmente por isso, termos de raízes escandinavas com conotação negativa passaram a ser utilizados como, por exemplo, os adjetivos ‘angry’ (irritado/a) ON *anгр*; ‘awkward’ (estranho/a) ON *öfugr*; ‘dirty’ (sujo/a) ON *drit*; ‘ill’ (doente) ON *illr*; ‘rotten’ (podre) ON *rotinn*; ‘ugly’ (feio/a) ON *ugga/uggligr*; e ‘weak’ (fraco/a) ON *veikr*. Há também verbos como ‘to die’ (morrer) ON *deyja*; ‘to drown’ (afogar) ON *drukna*; e ‘to scream’ (gritar) ON *skræma* (HARPER, 2001).

Por fim, nomes próprios de origem escandinava foram assimilados pelo inglês, tais como ‘Ronald’ ON *Rögnvaldr*, ‘Carl’ ON *Karl*, ‘Erica’ ON *Eiríkr*, ‘Dustin’ ON *Þórsteinn*, ‘Halle’ ON *Hallr*, ‘Finn’ ON *Finnr* e ‘Corey’ ON *Kóri/Kári*. Determinadas cidades do Texas (EUA) também possuem nomes de origens escandinavas, como *Kirby*, *Kennedale*, *Oglesby*, *Thorndale* e *Crosbyton*, conforme aponta John Geipel (1971).

4.4 A Terra dos Homens do Norte

No que diz respeito ao continente europeu, os *vikings* atacaram Paris, Nantes, Bordeaux, assim como outros territórios. Em 911 d.C., conquistaram grandes territórios ao norte da França, que ficaram conhecidos como Normandia (Terra dos Homens do Norte). Esse território, pouco mais de um século depois, foi palco para a conquista normanda, evento que marcou o início de mais um estágio da evolução e desenvolvimento da Língua Inglesa denominado inglês médio (*Middle English*).

Em 1016 d.C., o rei Canute, da Dinamarca, herdou o trono inglês, conquistou a Noruega e passou a reinar a maior parte do mundo escandinavo e britânico. Seus filhos continuaram seu reinado até 1042 d.C., porém Edward, o Confessor, quebrou a linha de sucessão e tornou-se rei. Edward foi criado na corte de seus primos, duques da Normandia. Nesse sentido, ele se sentia mais familiarizado com os costumes normandos e deslocado no cenário inglês. Ele procurava os conselhos de Harold, filho de seu amigo, o Conde de Wessex, que, por seu turno, foi assumindo as funções do rei até que, de fato, tornou-se governante do reino (GODINHO, 2011).

Todavia, seu primo William, duque da Normandia, reivindicou certos direitos à Coroa Inglesa, pois acreditou que Edward o indicaria como herdeiro ao trono inglês caso morresse sem herdeiros naturais. Ao naufragar perto da costa normanda e ser levado como prisioneiro pelas tropas de William, Harold confirmou a ideia de sucessão proposta por William, mas fez essa promessa apenas como encenação, já que, assim que retornou à Inglaterra, negou sua promessa ao normando. Quando Edward faleceu, Harold foi nomeado

pelo Conselho Real como sucessor de Edward, tornando-se o rei Harold II. As “promessas” não cumpridas trouxeram consequências expressivas para o futuro da Língua Inglesa (GODINHO, 2011).

5. O inglês médio e a conquista normanda

No dia 28 de setembro de 1066, William e suas tropas chegaram à Inglaterra a fim de reivindicar o trono. Em 14 de outubro, Harold e William, com seus exércitos, se encontraram às margens do rio Hastings. Harold foi derrotado e morto. O normando, por sua vez, foi nomeado William I, rei da Inglaterra. Com a vitória de William I, não apenas a presença, mas a forte influência normanda se apropriou da Inglaterra.

Sobre os normandos, é fundamental lembrar que, em suas origens, eles eram *vikings*, os quais, quando deixaram as terras do norte, se estabeleceram na Normandia, região no sul da França. Com o passar dos séculos, geração após geração, se desvencilharam de suas tradições nórdicas e assimilaram tanto a língua quanto os costumes franceses. O francês falado pelos normandos não era culto ou sofisticado como aquele falado pelos habitantes de Paris. Ou seja, os normandos passaram a utilizar uma variante mais rústica que ficou conhecida como francês normando (GODINHO, 2011).

Após a vitória normanda, o francês normando também passou a ser utilizado em solo britânico, acontecimento que influenciou drasticamente o léxico inglês. A respeito do francês, Jeane Silva e Rosangela Lima (2011, p. 164) ressaltam que:

[...] nada mais é do que uma variação atual do latim. Por isso é chamada de língua neolatina, a qual é fisicamente formada pelo Latim Vulgar e Latim Cristão, juntamente com outras heranças linguísticas, transformadas pela interação com dialetos locais, ao longo do tempo, chegando à língua atual (SILVA; LIMA, 2011, p. 164).

Diante dessa realidade, a Inglaterra conseguiu ser considerada uma nação trilingue: o francês era utilizado pela aristocracia normanda; o latim, praticado pela igreja católica e pelos estudiosos; e o inglês, a língua mais utilizada pelo povo de forma geral.

5.1 Herança francesa para o vocabulário da Língua Inglesa

O contato linguístico do inglês com o latim, seja direta ou indiretamente, por meio do francês, tornou essa língua germânica mais refinada e, gradativamente, foi alcançando maior prestígio social. Devido ao contato linguístico direto existente entre a Língua Inglesa e a Língua Francesa no estágio de evolução da língua conhecido como inglês médio, o francês “emprestou” milhares de palavras e expressões para o léxico inglês.

Cabe mencionar que a principal contribuição da conquista normanda para a Língua Inglesa foi o empréstimo de vocabulário. Assim, há cerca de 10.000 vocábulos que foram apropriados pelo inglês nos primeiros séculos após a conquista. Dessa quantidade, por volta de três quartos das palavras e expressões estão presentes e são utilizadas pelo inglês moderno contemporâneo (OLIVEIRA, 2013): campos governamentais e administrativos, termos religiosos, culinária, vestimentas e acessórios, mobília, arte, medicina, literatura e linguística. São substantivos, adjetivos e verbos que passaram a fazer parte do léxico inglês, listados a seguir, conforme os estudos de Baugh e Cable (2002), Oliveira (2013) e Harper (2001).

- Termos governamentais e administrativos: *crown* (coroa real) < F. *corone* < L. *corōna*; *state* (estado) < F. *estat* < L. *status*; *empire* (império) < F. *empire* < L. *imperium*; *council* (conselho) < F. *consilie* < L. *concilium*; *parliament* (parlamento) < F. *parlement*; *assembly* (assembleia) < F. *assemblée*; *alliance* (aliança) < F. *aliance*; e *liberty* (liberdade) < F. *liberté* < L. *libērtās*, -*ātis*.

- Títulos e designações de posição: *chancellor* (chanceler) < F. *cancelier* (moderno: *chancelier*) < L. *cāncēllaārius*; *countess* (condessa) < F. *comtesse*; *duchess* (duquesa) < F. *duchesse*; *duke* (duque) < F. *duc* < L. *ducem*; *minister* (ministro) < F. *ministre* < L. *minister*; *mayor* (prefeito) < F. *maire* < L. *māior*; *noble* (nobre) < F. *noble* < L. *nōbilis*; *prince* (príncipe) < F. *prince* < L. *principem*; e *princess* (princesa) < F. *princesse*.

- Termos de cunho religioso: *charity* (caridade) < F. *charité* < L. *cāritātem*, *aritas*; *mercy* (compaixão) < F. *merci* < L. *mercedem*; *religion* (religião) < *religion* < L. *religio*; *sacrifice* (sacrifício) < F. *sacrifice* < L. *sacrificium*; *convent* (convento) < F. *convent* < L. *conventu-s*; *prayer* (oração) < F. *preire* (moderno: *prière*) < L. *precārius*.

- Contexto militar, especificamente, títulos e equipamentos: *archer* (arqueiro) < F. *archier* < L. *arcus*; *captain* (capitão) < F. *captain* < L. *capitāneus*; *guard* (vigia) < F. *garde*; *sergeant* (sargento) < F. *sergent*; *soldier* (soldado) < F. *soudier*; e *lance* (lança) < F. *lance*.

- Vocábulos jurídicos: *advocate* (advogado) < F. *avocat* < L. *advocātus*; *fraud* (fraude) < F. *fraude* < L. *fraudem*; *judge* (juiz) < F. *juge* < L. *judex*; *jury* (júri) < F. *juré* < L. *juratus*; e *sentence* (sentença) < F. *sentence* < L. *setentia*.

- Culinária: *beef* (carne de boi ou de vaca) < *Middle English* (doravante ME) *boef* < F. *boef*, *buef* (moderno: *bœuf*) < L. *bovem*; *biscuit* (biscoito) < F. *bischoit*, -*cuit* (moderno: *biscuit*) < L. *biscoctu-s*; *grape* (uva) < F. *grape*; *jelly* (geleia) < ME *geli* < F. *gelée*; e *pork* (carne de porco) < F. *porc* < L. *porcus*.

- Vestimentas e acessórios: *boots* (botas) < F. *bote* (moderno: *botte*); *button* (botão) < F. *bouton*; e *coat* (casaco) < F. *cote* (moderno: *cotte*).

- Móveis e acessórios: *blanket* (cobertor) < F. *blancquet*; *chandelier* (candelabro) < F. *chandelier*; *closet* (armário) < F. *closet* < L. *clausus*; *curtain* (cortina) < ME *curtine* < F. *cortine* (moderno: *courtine*) < L. *corīna*; e *table* (mesa) < F. *table* < L. *tabula*.

- Recreação: *cards* (jogo de cartas) < F. *carte* < L. *charta*; e *dance* (dança) < F. *danse*.

- Arte: *color* (cor) < F. *colur*, *colour* (moderno: *couleur*) < L. *colorem*; *image* (imagem) < F. *image* < L. *imāginem*.

- Medicina: *pain* (dor) < ME *peine*, *paine* < F. *peina* < L. *pœna*; e *physician* (médico) < ME *fisicien* < F. *fisicien* (moderno: *physicien*).

- Literatura e linguística: *chapter* (capítulo) < F. *chapitre* < L. *capitulum*; *clause* (oração) < F. *clause* < L. *clausula*; *noun* (substantivo) < F. *nun*, *num* (moderno: *nom*) < L. *nōmen*; e *story* (história) < F. *estoire* < L. *historia*.

- Adjetivos amplamente utilizados hoje: *courageous* (corajoso) < F. *corageus* (moderno: *courageux*); *courteous* (cortês) < F. *corteis*, *curteis* (moderno: *courtois*); *eager* (ansioso) < F. *aigre* < L. *ācrem*; *gay* (alegre) < F. *gai*; *gentle* (gentil) < F. *gentil* < L. *gentilis*; *gracious* (gracioso) < F. *gracious* (moderno: *gracieux*) < L. *grātiōsus*.

- Verbos: *allow* (permitir) < F. *alouer*, *allouer* < L. *allocāre*; *apply* (aplicar) < F. *applier* < L. *applicāre*; *continue* (continuar) < F. *continuer* < L. *continuāre*; *delay* (demorar) < F. *délayer*; *desire* (desejar) < F. *désir* < L. *dēsīderāre*; *embrace* (abraçar) < F. *embracer* (moderno: *embrasser*); e *excuse* (desculpar) < F. *escuser* (moderno: *excuser*) < L. *excusāre*.

Godinho (2011) salienta que os vocábulos relacionados à alimentação também tinham certa distinção, isto é, no pasto ou chiqueiro, o animal recebia nomenclatura em inglês, mas na cozinha, quando seria preparado, recebia nomeação francesa, como ilustra o Quadro 3:

Quadro 3 - Distinção entre o vocábulo utilizado pelos ingleses e pelos franceses.

INGLÊS	FRANCÊS
<i>sheep</i>	<i>Mutton</i>
<i>cow</i>	<i>Beef</i>
<i>ox</i>	<i>Veal</i>
<i>pig</i>	<i>Pork</i>
<i>swine</i>	<i>Bacon</i>

De forma análoga, o inglês adotou palavras polissilábicas do latim, incorporando-as ao seu léxico, a exemplo de *felicity* (felicidade), *construct* (construir), *liberty* (liberdade), *ability* (habilidade) e *orthography* (ortografia). Essas palavras também tinham sinônimos ingleses - *happiness*, *build*, *freedom*, *skill* e *spelling*, respectivamente. Se, por um lado, os termos provenientes do latim são mais utilizados no inglês moderno contemporâneo escrito e formal, por outro, os vocábulos de origem inglesa são mais utilizados hodiernamente em contextos informais, como na língua falada.

6. Considerações Finais

A língua se desenvolveu ao longo dos séculos devido à necessidade das pessoas de nomear as coisas e ao contato com vocábulos provenientes de outras línguas que ajudaram a Língua Inglesa a formar seu léxico contemporâneo. Dito de outro modo, o inglês recebeu influências históricas diversas, como dos povos celtas e escandinavos e das línguas latina e francesa, que, hoje, são lexicais basilares associados ao vestuário, à vida social, ao aprendizado, às artes, à fauna, à flora, entre outros grupos de palavras.

Ademais, graças às relações interpessoais estabelecidas entre o inglês e outras línguas estrangeiras e à assimilação de empréstimos lexicais, os falantes de inglês moderno contemporâneo possuem uma variedade maior de sinônimos para expressar suas ideias nos discursos falado e escrito, especialmente se forem comparados com os falantes de inglês antigo, visto que a língua dialoga com o francês em maior escala no inglês médio.

Vale frisar que, geralmente, na modalidade formal e escrita do inglês hodierno, há uma tendência maior ao uso de palavras oriundas do latim, pois, conforme foi exposto, os vocábulos latinos expressavam maior rebuscamento por ter sido a língua dos estudiosos. Na modalidade oral e informal do discurso, nota-se uma tendência mais livre de escolha, como, por exemplo, do substantivo *happiness* (felicidade), enquanto seu sinônimo francês (que deriva do latim), *felicity*, tende a ser mais abraçado pelo inglês escrito e formal.

Com os achados da pesquisa, buscou-se, ainda que indiretamente, um desvencilhamento da ideia de purismo da língua, pois verificou-se na prática que o léxico inglês é composto por cerca de 80% de empréstimos lexicais. Reafirmou-se a necessidade de conhecer a evolução histórica da Língua Inglesa para, antes de tudo, entender que a língua é dinâmica, que atende às necessidades dos seus falantes e que é fortemente influenciada pelas línguas que fizeram e fazem parte da sua história e de seu desenvolvimento linguístico.

Referências

- ABU, Leila Rita. Latin influence on English language. *Nyelvtudomány*, Szeged, v. 8-9, p. 5-18, 2012. Disponível em: <http://acta.bibl.u-szeged.hu/36402/>. Acesso em: 13 abr. 2021.
- BAUGH, Albert Croll; CABLE, Thomas. *A history of the English language*. 5. ed. London: Routledge, 2002.
- CHADWICK, Nora. *The Celts*. 2. ed. London: Penguin Books, 1997.
- CRYSTAL, David. *The Cambridge encyclopedia of the English language*. 3. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.
- DURKIN, Philip. *Borrowed words: a history of loanwords in English*. New York: OUP, 2014.
- DURKIN, Philip. *The Oxford guide to etymology*. New York: OUP, 2009.
- FREEBORN, Dennis. *From Old English to Standard English: a course book in language variation across time*. 2. ed. London: MacMillan Press LTD, 1998.
- FRÍÐRIKSDÓTTIR, Sandra Dögg. *Old Norse influence in Modern English: the effect of the viking invasion*. Trabalho de Conclusão de Curso (Bachelor Thesis) - University of Iceland, 2014. Disponível em: <https://skemman.is/handle/1946/17234>. Acesso em: 15 abr. 2021.
- GEERS, Maria. A comparative study of linguistic purism in the history of England and Germany. In: LANGER, N.; DAVIES, W. V. (org.). *Linguistic purism in the Germanic languages*. Berlin: Walter de Gruyter, 2005. p. 97-108.
- GEIPEL, John. *The Viking legacy: the Scandinavian influence on the English and Gaelic languages*. Newton Abbot: David and Charles, 1971.
- GODINHO, John D. *Once upon a time um inglês...: a história, os truques e os tiques do idioma mais falado do planeta*. Rio de Janeiro: Autores Associados, 2011.
- HARPER, Douglas. *Online etymology dictionary*. 2001. Disponível em: <https://www.etymonline.com/>. Acesso em: 13 abr. 2021.
- KAUR, Rup. *The sun and her flowers*. Kansas City: Andrews McMeel Publishing, 2017.
- LANGER, Johnni. Os Vikings e o estereótipo do bárbaro no ensino de História. *História & Ensino*, Londrina, v. 8, p. 85-98, out. 2002. Disponível em: <https://docplayer.com.br/22806972-Os-vikings-e-o-estereotipo-do-barbaro-no-ensino-de-historia.html>. Acesso em: 13 abr. 2021.

LE BRETON, Jean-Marie. Reflexões anglófilas sobre a geopolítica do inglês. *In*: LACOSTE, Yves; RAJAGOPALAN, Kanavillil. (org.). *A geopolítica do inglês*. São Paulo: Parábola, 2005. p. 12-26.

MILROY, James. Some effects of purist ideologies on historical descriptions of English. *In*: LANGER, Nils; DAVIES, Winifred V. (org.). *Linguistic purism in the Germanic languages*. Berlin: Walter de Gruyter, 2005. p. 324-342.

MOREIRA, Carolina de Souza; GOMES, Maristella David; RESGALA, Renato Marcelo. Memória e linguagem: apontamentos sobre a história diacrônica da Língua Inglesa. *Revista Transformar*, Itaperuna, v. 1, n. 7, nov. 2015, p. 157-168. Disponível em: <http://www.fsj.edu.br/transformar/index.php/transformar/issue/view/ISSN%202175-8255>. Acesso em: 09 jun. 2022.

NIEHUES, Jan. *The influences of the Celtic languages on present-day English*. 2006. Dissertação (Mestrado em Linguística Inglesa) – Departamento de Filologia de Línguas Estrangeiras, Universidade de Marburgo, Marburgo, 2006. Disponível em: <https://archiv.ub.uni-marburg.de/ed/2007/0001/pdf/niehuMA.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2021.

OLIVEIRA, João Bittencourt. *Do francês ao inglês: breve estudo da contribuição francesa ao léxico inglês*. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOSOFIA, 17, 2013, Rio de Janeiro. *Cadernos do CNLF*[...]. Rio de Janeiro: CNLF, 2013. p. 1-22. Disponível em: https://www.academia.edu/5458772/DO_FRANC%C3%8AS_AO_INGL%C3%8AS_BREVE_ESTUDO_DA_CONTRIBUI%C3%87%C3%83O_FRANCESA_AO_L%C3%89XICO_INGL%C3%8AS. Acesso em: 16 abr. 2021.

SILVA, Jeane Farias da; LIMA, Rosangela Nunes de. A herança latina na língua inglesa. *In*: SEMINÁRIO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E ENSINO DE LÍNGUA INGLESA, 1., 2011, São Cristóvão. *Anais* [I Seminário Formação de Professores e Ensino de Língua Inglesa]. São Cristóvão, SE: LINC/UFS, 2011. p. 159-168. Disponível em: https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/9856/2/Jeane_Farias_da_Silva.pdf. Acesso em: 19 abr. 2021.

THOMASON, Sarah Grey; KAUFMAN, Terrence. *Language contact, creolization, and genetic linguistics*. Los Angeles: University of California Press, 1988.